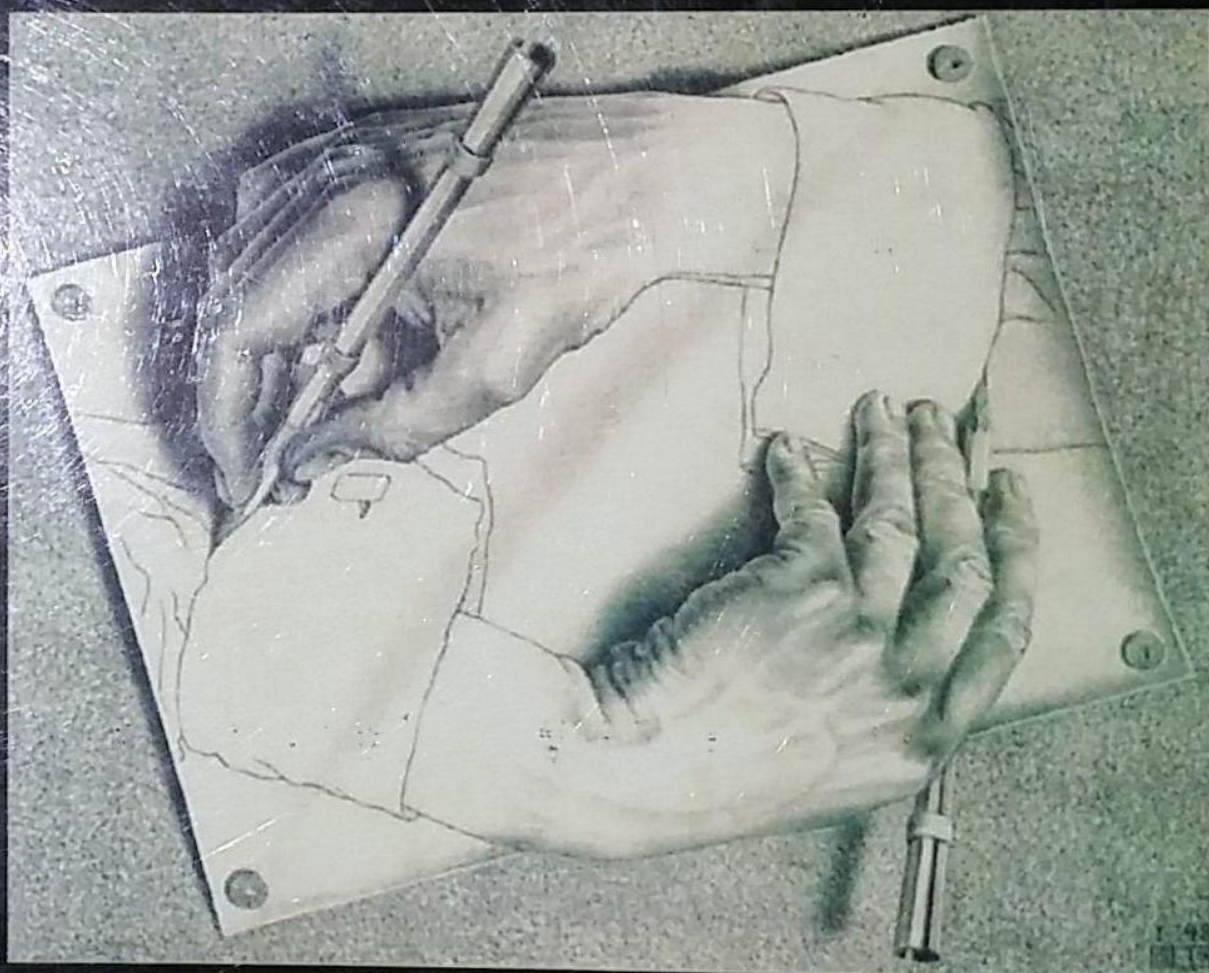


# 20 Contos Conclusivos



Gilberto Veras

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

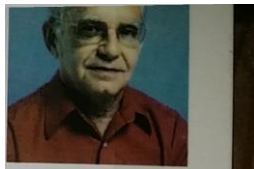
O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# VINTE CONTOS CONCLUSIVOS

## Gilberto Moreira Veras



WSmsmm

Gilberto Moreira Veras nasceu em 25 de outubro de 1938, em Pamaíba PI. Circunstâncias familiares e profissionais levaram-no a outras plagas (Maranhão, Parãíba, Pernambuco, Minas Gerais, Ceará e Rio Grande do Norte), que contribuíram na formação de sua cultura (social, econômica, intelectual, profissional e religiosa). Gilberto é engenheiro civil, formado em Recife, no ano de 1973. Aposentou-se do quadro técnico-científico do Banco do Brasil em 1991, em Fortaleza, como chefe regional do Departamento de Engenharia. Dedicou-se, no momento, à literatura e ao Espiritismo (de modo efetivo no Instituto de Cultura Espírita do Ceará - ICÉ GE)

## Agradecimentos



Agradeço a Deus, o Pai Criador, que me fez compreender a necessidade fundamental de amar o próximo;

ao amigo Fernando Ananias, que emprestou à minha inspiração (em alguns contos), sua personalidade inteligente e fraterna;

ao amigo Francisco Cajazeiras, pelo apoio, pelas sugestões valiosas e pelos subsídios doutrinários recebidos nos seus ensinamentos zelosos, lógicos e didáticos do Espiritismo, através de cursos, palestras e estudos de grupos, ministrados com esmero e abnegação, na Instituição que preside, o Instituto de Cultura Espírita do Ceará;

ao amigo Francisco Clelio Cavalcante, confrade estudioso e bem-humorado, que ajuda seu próximo com energia positiva e motivadora;

aos amigos José Rodrigues Campos e Luiz Acioli, que colaboraram na apreciação prévia do livro.

## **Dedicação**

Dedico

Aos meus amores próximos, que oxigenam minha vida de esperança.

Geilza, a esposa Vanessa, a neta

## PREFACIO

As experiências do cotidiano são lições para o Espírito, em sua longa jornada pelas escarpadas trilhas da evolução, conducentes ao acalentado status de felicidade.

Os obstáculos, as dificuldades e a problemática existencial são desafios ao desenvolvimento intelectual e moral da criatura. A vida de relação impele-nos à tomada de decisões, obriga-nos a agir, a optar, a escolher, a dirigir os passos nessa ou naquela direção. Por isso mesmo, são múltiplas e variadas as deliberações tomadas pelo indivíduo, a cada experiência reencarnatória, no lúdico exercício do seu livre-arbítrio.

O livre-arbítrio - essa faculdade específica dos seres humanos, dos espíritos com inteligência expandida às terras da razão - insere-nos no rol das criaturas responsabilizadas pela aplicação das leis universais. É certo que, no momento presente, ainda tateamos pela adoção do método de erros e acertos, em contínuo aprendizado, mas assumindo o ônus dos próprios julgamentos e resoluções. Esse o instrumento didático da terapia comportamental aplicada pela vida, e do reflexo condicionado, a repercutir na alma humana como sensações de bem-estar ou mal-estar, de prazer ou de dor, de alegria ou de pesar, na dialética do aprendizado.

Demonstra inteligência quem se utiliza de experiências palpáveis, da observação dos fatos registrados, para promoção de aprendizado precoce, dilatando a possibilidade de vitórias e, por conseguinte, reduzindo a incidência de fracassos.

A História, quando interpretada convenientemente, pode constituir-se em modelo comparativo para chegar-se à solução de problemas do presente; ou, pelo menos, logra contribuir com vasto material para reflexão, capaz de orientar de maneira favorável naquela solução almejada, a partir do estudo das conseqüências de resoluções e atitudes pretéritas diante de uma proposição enigmática.

O contexto sociocultural e temporal de cada grupo varia, bem o sabemos, mas, ainda assim, seu cotejamento reveste-se de grande valia na condução das problemáticas político-administrativas e militares semelhantes que tendem a se repetir.

É por desprezo à análise dos fatos históricos que tantos governantes e comandantes, ao longo do tempo, vêm cometendo os mesmos senões.

Por outro lado, não é, senão tendo por base a observação dos fatos do cotidiano, que a sabedoria popular tem sido elaborada nas dobras do tempo, contribuindo para o progresso pessoal e coletivo da Humanidade.

"Vinte Contos Conclusivos " reserva ao leitor o encontro com situações singelas do dia-a-dia - dessas corriqueiras - capazes de despertar a sua atenção, levando-o a uma reflexão conjunta com o autor acerca do conteúdo, do comportamento e das repercussões dessas vivências.

O confrade e amigo Gilberto Veras narra-nos, nesta obra, acontecimentos e experiências de personagens reais, no teatro interativo da vida terrena, por ele presenciados ou a ele descritos pelos próprios atores e outros circunstantes.

Cada conto tem uma alma própria, uma essência educativa: perfil natural dos objetivos reencarnatários.

Durante a sua leitura, o leitor pode identificar-se ou a companheiros de jornada, em projeção sadia, quanto favorável ao aprendizado e à educação do ser humano e do espírito que é.

Além disso, a aplicação do Conhecimento Espírita, utilizada pelo contista, no sentido de partilhar o entendimento e de fazer uma interpretação das causas e do conteúdo do material descrito, enriquece sobremaneira a obra, posto que assim se expandem os limites de tempo e espaço, de origem e destino dos protagonistas de cada história, revelando-lhes a fragilidade momentânea, os atos discutíveis, a imperfeição – apanágio da vida em nosso "mundo de expiações e provas"; como também, o progresso, a esperança, o comportamento ético e a silhueta de sua perfectibilidade.

O homem é um ser gregário, carente da vivência em comunidade para crescer e fazer crescer, para proteger e ser protegido, para aprender e ensinar...

Em seu esforço conjunto, intuitivo-racional, para chegar a Deus – o que significa alcançar a felicidade –, a criatura humana age tentando acertar, muito embora tantas vezes se equivoque e erre...

Mas aprende sempre: acertando ou errando, porque viver é matricular-se no educandário da fraternidade e do amor, cujas avaliações são contínuas e cotidianas, propostas-problemas para o dia-a-dia, interdependentes e de reforço invariavelmente positivo, quando analisadas pelo prisma anímico-evolutivo.

Cada vivência é fato histórico para os anais do inconsciente de cada um e pode, se bem conduzida e racionalmente utilizada, transformar-se em material pedagógico para o espírito, apresentado eficazmente na forma de "Contos Conclusivos

Francisco Cajazeiras (Fortaleza, outubro de 2002)

## APRESENTAÇÃO

"Vinte contos conclusivos" foi escrito com o propósito de alertar e esclarecer os leitores sobre a seriedade do Espiritismo e o seu papel poderoso na atualização moral da humanidade, relatando casos curiosos ou equivocados, decorrentes dos despreparos doutrinários ou morais de pessoas que se precipitam na seara espírita intempestivamente.

São histórias curtas, desenvolvidas com base em fatos reais (alguns) e fictícios (outros), em que o autor, em estilo próprio, introduz pensamentos filosóficos espíritas, que ilustram e clarificam as narrações.

Na prática ou divulgação do Espiritismo, para não haver comprometimento ou distorção dos postulados definidos pelo trabalho brilhante do Codificador de Lyon, de pseudônimo Allan Kardec, não devemos subestimar ou subtrair de nossos estudos o aspecto científico da doutrina, porque é basilar. Não há Espiritismo sem o alicerce da ciência espírita. Se não for esta a preocupação daquele que prioriza a espiritualidade, outra doutrina espiritualista pode até surgir, mas não deve receber o nome de Espiritismo, denominação criada pelo organizador que construiu o edifício espírita sobre três pilotes, atuando solidários: ciência, filosofia e religião.

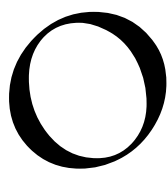
Contos há, neste livro, que abordam histórias ocorridas no mundo profano, porém não lhes faltam as considerações educativas respaldadas na doutrina- síntese do conhecimento humano.

O trabalho não pretende ensinar o leitor, porque não é este o fito. Sua proposta é a de despertar atenção no nosso inter-relacionamento com pessoas e coisas; ao lembrar nosso dever como criaturas humanas,<sup>1</sup> comprometidas com a elevada missão de contribuir com a evolução cósmica, magno projeto do Pai Criador, o autor da vida. Tudo com bom humor, racionalidade, leitura prazerosa e respeito ético. Nosso próximo, mesmo equivocado, deve ser tratado com compreensão e fraternidade, levando sempre em conta que se estamos acima de uns, outros estão acima de nós e já estivemos em posições primitivas na espiral evolutiva do ser.

Rogo ao nosso irmão maior, o Mestre dos Mestres, que nos legou o precioso código moral da Boa Nova, que tenham todos uma boa leitura e façam dela o melhor aproveitamento possível no desiderato de apóstolos do Cristo.

Gilberto Veras

# EQUÍVOCOS MEDIÚNICOS



fenômeno mediúnico envolve dois planos: o visível e o invisível, que estão

entrelaçados ou interligados, em campos vibratórios de mesma frequência. Do mesmo modo que o mundo denso, o mundo etéreo vibra em variadas frequências. Quando há identidade de padrão vibratório e sintonização de frequências, ocorre a comunicação entre inteligências dos dois lados da vida. Essas comunicações se completam via pensamento, em determinadas condições. É necessária a vontade do comunicante em emitir o pensamento que se desloca pelo fluido espiritual através de ondas vibratórias, como também o receptor deve estar com canal aberto para captar essas ondas (poderíamos denominá-las ondas pensadoras em analogia às ondas sonoras que, semelhantemente, se deslocam no ar atmosférico).

O médium (encarnado ou desencarnado) é o aparelho receptor e o comunicante (desencarnado ou encarnado) é a estação emissora. Não há comunicação sem volição do emissor e sintonia entre as partes. Mas pode haver recepção defeituosa, misturada e confusa, quando o aparelho não é de qualidade ou se encontra avariado. Foi o que constatou o amigo Maurício, médium e atendente fraterno, em um atendimento muito difícil, excepcional e de emergência, que perdurou por duas horas.

Estava ele em seu posto de serviço, compenetrado, sereno e harmonizado, como sói acontecer. Com longa experiência nessa tarefa (mais de 10 anos) conquistou paz e controle emocional, neutralizando qualquer investida perturbadora. Mas daquela vez a dose foi exagerada e extrapolou seus limites na arte de esclarecer e convencer Espíritos.

A senhora, uma sexagenária, já entrou na sala em total desequilíbrio mental.

Olha, seu moço, o senhor que parece tanto com o Espírito bondoso de Bezerra de Menezes, vai ter que resolver o meu problema – falou em voz nervosa e com os olhos vermelhos, de pupilas dilatadas.

Sente-se, minha irmã, Jesus estará conosco e haverá de nos auxiliar, pois somos seus irmãos menores, por ele amparados.

A voz mansa e fraterna de Maurício foi determinante para que a outra se colocasse à frente dele, acomodada na cadeira e com relativa tranqüilidade.

Qual a sua dificuldade? Por que tanta aflição? – investigou o experiente espírita.

A assistida, então, relatou sua perturbação, de múltipla causa. Era cobrada por muitos



desencarnados. Culpavam-na das mais cruéis maldades. Ora era um escravo negro açoitado. De outra vez um homem mutilado. Noutra uma mulher traída. E não faltava fcr ----- ,

#### Vinte Contos Conclusivos

Espírito ocupando seu campo mental, a culpá-la e em busca de vingança. O pior assédio, no entanto, vinha de um detestável japonês, que se valia de todos os recursos perispiríticos para assustá-la. Transformava-se em entes horripilantes, de dragões vomitando fogo ao próprio capeta com chifres e lançando labaredas em sua direção. Não suportava mais o torpedeamento, estava prestes a enlouquecer. E ao mesmo tempo que relatava seu quadro obsessivo, assustava-se, gritava, desesperava-se. Maurício intervinha, doutrinava os Espíritos, aplicava-lhe passe. D. Carmem (nome da atendida) acalmava-se, parecia refeita, mas logo recomeçava tudo, com alarido alarmante. E nessa alternância transcorria o demorado e exaustivo atendimento emergencial, quando ocorreu a culminância, sob tremores e pavor da obsidiada.

Olha ele ali, seu Maurício! Tira esse miserável de minha frente. Já, já ele se transforma no cão - estava pálida, apavorada e tremia feito vara verde diante de vendaval.

O homem sereno, já vencido pelo cansaço e esgotamento fluídico, fez enorme esforço para conter sonora gargalhada que o quadro cômico sugeria, ao identificar a fisionomia preocupada do japonês apontado. Simplesmente se tratava do confrade Yoko Takara, tarefeiro abnegado da Casa, que, curioso e prestativo, se apresentava ao local para suprir eventual necessidade de reforço fraterno.

## TELEPATIA IMPRODUCENTE



Quando o proficiente espírita resolve produzir com seu empenho fraterno e caridoso na seara de Jesus, procura engajar-se numa Casa Espírita constituída. Mas, nem sempre encontra acolhida ou oportunidade. Como sua vontade de servir é imperiosa, agrupa-se com pessoas de mesmo propósito e cria mais um Gmpo ou um Centro no Movimento Espírita. E assim que o Espiritismo cresce de modo salutar, abrangendo pequenas células de administração mais fácil e favorável à preservação doutrinária, como já sugeria o Mestre de Lyon.

No Ceará não é diferente. O número de Gmpos e pequenos Centros é predominante. São pouco os grandes, que não deixam de ter suas dificuldades administrativas com reflexos nas atividades doutrinárias. Mas, eles, os pequenos, também têm suas dificuldades, que se localizam na área financeira, e que, do mesmo modo, refletem na finalidade da instituição, que é a Doutrina. São os meios afetando os fins. Temos de conviver com eles e buscar soluções. Alguns encontram, outros não.

Um amigo meu, Presidente de um pequeno Centro, vive à procura de solução para esse impasse: se resolve a dificuldade financeira (meio) compromete a qualidade doutrinária (fim). Como é um seareiro abnegado, não lhe faltam ânimo e esperança, e prossegue na busca de almas especiais que dignifiquem, aomesmo tempo, a riqueza e a sabedoria. Um dia, em | mais uma tentativa, convidou para participar de atividade doutrinária da Casa um companheiro de persona-lidade insinuante nas qualidades pretendidas. Uma boa | política, pois reúne o útil ao agradável: desenvolve conhecimento espírita e avalia os participantes, em capacidade intelectual e financeira.

Celso, o convidado, homem idoso, aposentado, boa aparência, muito loquaz, tomou a palavra. Comentou o Evangelho com sensibilidade, enalteceu Kardec, esclareceu fenômenos mediúnicos, filosofou, e, por fim, abriu o livro de sua vida, nas páginas dedi-cadas ao Espiritismo.

Sempre fui uma pessoa preocupada com o Movimento Espírita em nossa cidade. Nunca meneguei a cooperar com as pequenas Casas. Certa vez | emprestei R\$ 20.000,00, para comprar o prédio onde funciona, hoje, um Centro Espírita de porte, em Fortaleza, não cito o nome por uma questão de ética. Para outro, doei R\$ 2.000,00 para pagar aluguéis | atrasados, livros já doei milhares, patrocinei muitos eventos e por aí vai. O fato é que sempre

me coloquei à j disposição das causas nobres de nossa abençoada j Doutrina...

Nesse exato momento, Leônidas, o Presidente, emitiu um pensamento esperançoso e alvissareiro: "poderias contribuir com o valor de R\$ 10.000,00 para aquisição de nossa sede própria".

Captada a mensagem, o benfeitor encerra o discurso "caridoso", situando os atos beneficentes no tempo e condições de ocorrência.

Isso faz muito tempo. Quando as vacas eram gordas e não me faltava o vil metal. Hoje estou falido e vivo a duras penas com a humilhante aposentadoria do INSS, no mísero valor de R\$ 200,00 mensais.

O emissor telepático, compadecido, mentalmente prometeu ajudá-lo, com alguma importância.

O receptor, sorriu, feliz, e deixou escapar, em resposta emocionada:

Ainda bem que existe neste mundo de tanta injustiça social pessoas bondosas como você, meu irmão.

Apenas Leônidas entendeu aquela colocação extemporânea, completamente desassociada do momento em atividade, que era o comentário do tema evangélico "Fazer o bem sem ostentação", a cargo, por ironia, do convidado sem futuro e sem coerência. Esperou encerrar a reunião e, em particular com o infeliz desativado, meteu a mão no bolso e presenteou- lhe uma nota de R\$ 10,00, que foi recebida com olhos molhados e coração agradecido.

Muito obrigado ! E que Deus o abençoe.

O que desembolsou com discrição e economia também chorou; e usou o lenço para coletar as lágrimas que não sei dizer se eram de compaixão ou de decepção, mas que precisavam ser disfarçadas na simulação de resfriado incômodo.

## APENAS UM SONHO

**A**

s causas nobres encantam pessoas sensíveis. Mais ainda criaturas que já

despertaram para a realidade existencial do ser: Espírito que se encontra precipitado no existir da horizontalidade do mundo para, com o processo do aprendizado experimental, ascender na transcendência vertical. O homem que sabe viver no mundo sem ser do mundo, caminha, ao mesmo tempo, na horizontal e na vertical. Ao caminhar na horizontal,

vencendo seus defeitos e imperfeições com atos altruístas, movimenta-se, também, na vertical ao se fortalecer de energias virtuosas que se somam às suas próprias para realimentar o processo evolutivo.

O espírita entende muito bem esse mecanismo. E quando ele é neófito, não só entende como se entusiasma, e, às vezes, até de modo inconseqüente, compulsivo ou imoderado.

Cláudio José era desses. Deu um salto da vida mundana desregrada para a sensatez assimilada com a Doutrina Espírita. Saiu de dentro de si e verificou, com claridade de cristal, os erros, enganos e absurdidades praticados no curso de sua jornada existencial cinqüentenária. Não foi difícil para ele se conscientizar das verdades emanadas do Espiritismo, não só por sua condição intelectual superior, mas, acima de tudo, pela experiência de vida fracassada e marcada por dores nas decepções de prazeres ilusórios e efêmeros, j Tomou uma decisão, definitiva e nobre, mas de pouca idade (espírita exaltado, de que fala Kardec): dedicar-me-ei exclusivamente ao bem e a favor do próximo.

Dinâmico e com pressa para corrigir erros e neutralizar débitos, rapidamente elaborou projetos e planos espíritas cada vez mais audaciosos. Com dois | anos de atividades na nova vida já havia fundado três Grupos Espíritas. A euforia era grande e contagiante. Não perdia tempo e geralmente convencia seus pares nas adesões às empreitadas, mesmo os experientes que sabem dosar sensibilidade com viabilidade.

Depois de ceder uma casa de sua propriedade para instalar um Centro no qual atuava com efetividade e afinidade com os companheiros de Diretoria, I ocorreu-lhe mais uma idéia corajosa: construir, aolado, em terreno de sua família, um apartamento com a principal finalidade de hospedar o eminente orador | espírita internacional, o confrade baiano, Divaldo Pereira Franco, nas suas visitas às terras do Ceará. A causa nobre, a vibração do idealista e a simpatia com os componentes do grupo, financiaram a aprovação do projeto por unanimidade. Discutidas ementalizadas as providências, concluíram pela viabilidade da edifica-| ção: não faltariam recursos, nem financeiros (maior parcela seria por ele mesmo patrcinada), nem humanos (um deles, de nome Augusto, era arquiteto de considerável atuação administrativa e técnica na área da construção civil).

No início da manhã do dia combinado, com o sol por testemunha e impulsionados por energia confortável resultante do júbilo provindo dos corações enternecidos de cada um dos sete diretores, deslocaram-se eles para o terreno próximo (vizinho), sob a batuta de Cláudio e a orientação arquitetônica de Augusto.

A primeira providência prática a realizar seria a medição do terreno. Mas não foi além do ato incipiente de o arquiteto, agachado, colocar o zero da trena no ponto inicial do retângulo. Pasmos, ouviram, então, os protestos agressivos:

Pra fora sataná, capetas miseráveis, o lugar do cão é aí, ao lado, onde vocês se juntam, não aqui em minha propriedade.

Augusto, espantado, mas com a serenidade do coração evangelizado, apenas falou:

Desculpe. Não se aborreça. Nós vamos nos retirar. Não queremos lhe causar qualquer mal-estar. Fique com Deus, que é Pai Misericordioso.

A reclamação vinha do muro da casa da frente através da voz de uma senhora de pele queimada e de coração magoado e rancoroso com Cláudio, que era seu irmão consangüíneo. E a ele se dirigiu, para esvaziar seu descontentamento.

Você não presta mesmo ! Abandonou sua família, mulher, filhas, não dá mais atenção a ninguém e ainda quer invadir nossa propriedade com essa parte do demônio. Não aparece mais aqui, infeliz!...

Já no lugar que lhes cabia, sentados calmamente, embora frustrados pelo falecimento do projeto, Augusto, com falamansa, repreendeu com brandura: Mas grandão (Cláudio mede 1,80 m e pesa 90 kg), como é que você nos coloca em tamanha gelada! ?

É isso mesmo, meu irmão. Que podemos fazer com gente que continua mergulhada nas trevas da ignorância? Um dia a luz da Doutrina alcançará seu espírito e ela se tomará uma obreira capaz de realizar projetos talvez mais ousados do que esse que morreu na beira da praia. Não desanimemos, afinal somos Espíritos imortais.

Augusto, em gesto característico, inclinou a cabeça e todo o corpo para o lado direito, e liberou um sorriso cúmplice e compreensivo.



## UMA "CARIDADE" INCONSEQÜENTE

# A

dor é o chamamento, pelo desconforto que causa ao Espírito. Ninguém se compraz com o sofrimento. O masoquis- mo não é tendência natural. Se a indesejável nos visita, expulsa a paciência e abraça-se com a intranqüilidade, roubando-nos paz e serenidade. E como nosso fim se define com a felicidade, buscamos decididamente a cura do mal, para nos ajustar com o plano maior do autor da vida. E por esse convite amargo que, na maioria das vezes, adentramos as Casas Espíritas. Guilherme, sexagenário saudável e de boa aparência, serve de exemplo.

A abençoada dor o conduziu ao Espiritismo. Estava sofrido, marcado, o coração sangrando. A mundanidade, pérfida e ilusória, golpeou-lhe a alma, feriu-lhe as entranhas, com o punhal da decepção. Deu-se o chamado divino (por isso o adjetivo benevolente atribuído a essa sensação desagradável).

Com o eficiente tratamento espiritual recebido, que associa o estudo e vivência do evangelho de Jesus (evangelhoterapia) à intervenção caridosa da Espiritualidade, em alguns meses estava ele recuperado, no seu equilíbrio psíquico e emocional. Exultante e gratificado, buscou conhecimento da moral espírita: em pouco tempo leu o "Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec, participou de comentários e discussões dos ensinamentos morais contidos na obra do codificador, em casa (Evangelho no Lar) ou em grupos (nas Casas Espíritas). Da ciência espírita, que é basilar, quase nada se inteirou. O que realmente o tocou, razão e emoção, foi a afirmativa evangélica do Espírito Paulo, Apóstolo - Paris 1860: fora da caridade não há salvação. Convenceu-se dessa verdade e caiu em campo com "gosto de gaz" e "sede ao pote". A vontade era grande, nem tanto, porém, o preparo, a compreensão sólida e racional da Doutrina da Libertação, que libera, mas não dispensa a segurança e prudência do bom senso.

Nosso amigo logo se integrou no movimento espírita: participava de tarefas assistenciais, socorria velhinhos, visitava presidiários, chorava com os infortunados.

Conheceu um confrade experiente, bondoso, liderança mansa, estudioso e de inteligência aguda. Afinou-se com ele e o nomeou mentor e professor, no seu mundo psíquico-espírita. Quase sempre se regia pela orientação de Paulino, a quem obedecia com respeito e amizade sincera, mormente quando se tratava de assuntos relacionados à ciência

e filosofia espíritas, porque dessa seara nada entendia e só lhe restava, portanto, obedecer e seguir o professor, de capacidade inquestionável. No começo é assim. O principiante tem pressa para chegar no céu e se precipita, ansioso, pelos atalhos, para encurtar o caminho que o levará às delícias do reino de Deus. Para que estudar, se a solução é fazer a caridade? Por isso, Guilherme não atendeu à desaprovação de Paulino quando descobriu umas caixas escondidas em sala isolada do Centro Espírita onde prestavam, juntos, seus valiosos e abnegados labores. O material armazenada em nada agradou ao admirado professor: 5 caixas, contendo cada uma, 24 unidades de cachaça "Ypioca".

Guilherme, o que é isso? Quem escondeu, aqui, esse produto abominável? Essa Casa é um hospital, uma escola, uma oficina de trabalho espiritual, nunca um bar ou uma adega, onde se encontra produto nocivo, prejudicial ao corpo e à alma.

O inquirido embarçou-se, silenciou, refletiu, pensou negar, e, por fim, optou pela sinceridade, mais compatível com seu novo caráter.

Professor, realmente fui eu quem guardou estas caixas neste local. São reminiscências do meu passado equivocado. Mas, agora, podemos fazer bom uso delas, doando-as ao companheiro "Kardec" (devido à semelhança fisionômica com o insigne professor de Lyon, o nome ilustre servia de apelido a um espírita, amigo dos dois) que está em dificuldade no seu modesto negócio. Nosso amigo está penando para sobreviver com sua barraca vazia de prateleira e freguesia. Ele ficará muito feliz, e nós, também, pela caridade que estamos praticando.

De maneira alguma! Isso não é produto que se ofereça. O rendimento provindo dessa droga é maldito. Não promove ninguém, nem é solução para nada. Jogue todo esse lixo fora, longe de nós e de todos, no lugar próprio da inutilidade.

O entusiasta, todavia, embora haja concordado com o professor na sua presença, esperou pela ausência dele e, sorratamente, levou o presente de grego para seu amigo "Kardec", com o coração cheio de "amor" e a mente convencida da "razão". "Fora da caridade não há salvação, como vou eu perder essa oportunidade? Nunca, jamais." E partiu ele, respaldado pela sua consciência e a serenidade de sua compreensão.

A doação foi muito bem recebida pelo amigo, que do Espiritismo guardava apenas flashes, retalhos de ensinamentos, rudimentos conceituais, ouvidos de outros (aqui e ali) nem sempre ainda providos de conhecimentos confiáveis. Guilherme, para ele, era professor catedrático e pós-graduado.

Não durou muito, o barraqueiro começou a desandar. Nada mais dava certo, regrediu do ruim para o pior. Adoeceu gravemente. Hospitalizou-se e começou a definhar, devido a mal não diagnosticado. Os confrades solidários, Guilherme e Paulino, foram visitá-lo. Ouviram lamúrias e lamentações. E Guilherme, compadecido, prestou ao enfermo "atendimento fraterno", com conselhos e esclarecimentos.

Amigo, não se desespere. O espírita tem que ser forte, porque ele sabe que é, antes de

tudo, Espírito imortal. A vida continua. Lá, do outro lado, os amigos espirituais estarão aguardando por você, de braços abertos. Não se preocupe, acredito que depois da morte você será feliz...

Com poucos minutos, o irmão "Kardec", apavorado, estava sendo socorrido, às pressas, pelos médicos do hospital e sendo encaminhado para a UTI, em gravíssimo estado de choque emocional.

Na sala de espera, aguardavam, os dois, por notícias. E falou Paulino, com a tranquilidade de Bezerra de Menezes, com quem ele tanto se identifica, pelas ações e barbas brancas.

Guilherme, meu irmão, não pode ser assim. A caridade não deve ser praticada simplesmente por impulso, mesmo na presença da afetividade. É necessário conjugar razão e emoção, amor e bom senso.

É, professor, você tem razão. O que o amigo me aconselha, para eu aprender a disciplinar minhas compulsões intempestivas?

Estude com afinco o Pentateuco Kardeciano (O Livro dos Espíritos, O livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno, e A Gênese). Depois, para consolidar seus conhecimentos doutrinários, estude a obra do professor José Herculano Pires, o apóstolo fiel de Kardec.

Apertaram-se as mãos e firmado ficou o compromisso

\*\*\*

7eda virtude é calma, suave e frondosa. O\*juça lafã e cenacã frana que haja equilíhrie edificante nad açõed que fnemeve. caridade tem cemfnemidde cem <x feneqnedde da criatuna humana, fron, idee deve den. únaticada cem maturudade.

## FORÇA DO PENSAMENTO

S

enta aí, mulher, e vamos ouvir nosso forró. O rádio era enorme e o som, de

intensidade proporcional, ouvia-se a quilômetros. Até aí, tudo bem, se o convite sugerisse a acomodação do casal em um par de cadeiras (poderia ser um sofá), em ambiente privativo do seu inviolável lar. Mas, o que se ouviu foi um protesto.

Rodomoça, por obséquio, não queremos ouvir rádio e sim assistir ao filme da televisão.

O apreciador do som radiofônico, com sua digníssima esposa, acabara de subir no ônibus que se dirigia de uma cidade do interior para a capital de Fortaleza. O oletivo propiciava aos distintos passageiros o merecido conforto, pago, com folga, pelo preço da passagem: o ar condicionado para atenuar o calor insuportável do sertão nordestino e a televisão para vencer a monotonia sonolenta e perturbadora da longa estrada esburacada. E a funcionária estava ali para assegurar o bem-estar dos clientes, seus patrões indiretos. Com educação e cortesia, dirigiu-se ao pouco educado, atendendo a solicitação pertinente e justificável do passageiro cômico dos seus direitos.

Meu senhor, por gentileza, queira desligar o seu rádio, pois os demais passageiros estão assistindo a televisão.

De maneira nenhuma. Desligue o televisor que eu quero ouvir o meu forró, sem qualquer interferência.

Não pode ser assim. O senhor me desculpe, mas vou consultar as outras pessoas.

Senhores passageiros! Vocês preferem ouvir rádio ou assistir a televisão?

Televisão! Televisão! Televisão! (voz geral,<sup>1</sup> determinada e solidária).

A reação do contestado se fez em argumentação egoística, equivocada e grosseira. Com visão totalmente distorcida dos direitos humanos.

Não aceito. Meus direitos de cidadão têm que ser respeitados. O rádio é meu, eu o ouço na hora que quiser e onde bem entender. Ninguém tem nada com isso. Não estou aqui de graça. Paguei para viajar, e, por sinal, muito caro. Não desligo. Acabou-se!

O primeiro reclamante, que não tinha papas na língua nem abdicava de suas conquistas emocionais sempre obtidas com o concurso do vil metal, interveio:

Motorista, pára o ônibus, devolve o dinheiro dele e pede para ele descer, que eu faço o correspondente ressarcimento.

A resposta foi violenta. Levantou-se o homem, estupefato. Identificou-se como policial.

Exibiu o revólver ameaçador. Agrediu com palavrões. Estabeleceu-se acirrada discussão, porque o outro não se intimidou. O clima tomou-se preocupante, com os ânimos descontrolados e o pavor tomando conta de todos. Mulheres e crianças choravam. Outros tremiam. E muitos rezavam. Alguns pensavam em reação violenta contra o mau policial. Enfim, o ambiente dentro do ônibus tomou-se perigosíssimo, envolvido por vibrações deletérias e trevasas.

Entre os presentes, havia um espírita com sua família (esposa e dois filhos menores). De imediato, preocupado com a integridade dos seus e dos outros, pensou: "no primeiro posto rodoviário vou descer com os meus, discretamente, e pedir socorro para os que ficaram, informando do elevado risco de vida em que se encontram". Persistia no pensamento, idealizando o seu plano, enquanto os conflitantes se agrediam moralmente, com insultos cada vez mais ofensivos. A situação caminhava para desfecho trágico, com consequências imprevisíveis.

O proficiente da Doutrina dos Espíritos, de conhecimento consolidado acerca dos fenômenos mediúnicos, sabendo da poderosa propriedade do pensamento, que se desloca através dos fluidos espirituais e modifica-os conforme a vontade do espírito, interferindo em outros campos mentais, decidiu-se, caridoso e com fé: "vou fazer uma vibração para esse irmão dormir". Concentrou-se, emitiu o pensamento com a força de sua vontade fraterna, solicitou auxílio da espiritualidade amiga, e em poucos minutos viu o policial se curvar por sobre os braços em profundo sono. Logo depois, seu adversário pede parada e desce, tranqüilo e respeitoso.

E o ônibus prosseguiu seu itinerário, sem alma e sem danos, sob o comando e segurança da paz íntima readquirida pelo competente profissional. A cabina guardava emoções controladas, refeitas, e que se manifestavam, agora, suaves e brandas, em sintonia com o filme de amor que se desenrolava na tela de 24" do televisor moderno. O mesmo preterido pelo espírito infantil, antes violento e ora pacificado pelo sono induzido e sob vigilância da companheira de mau gosto. Talvez assistindo a outras cenas, mais compatíveis com seu perispírito grosseiro. Graças a Deus, e para o bem de todos.



# UMA VERDADE PRÓXIMA

**A** verdade é. Tem vida própria, que se estende pelo infinito cósmico. Dispensa a

intervenção de outrem para ser assimilada, para se fazer conhecida, aceita e respeitada por todos. Porque os seus efeitos são incontestáveis, na abrangência da indiscriminação e com a força da totalidade, como o sol que aquece tudo e atodos.

Podemos inclui-la entre as leis naturais, pelos atributos sintomáticos e específicos: perfeição divina e caráter imutável e universal.

Quando conhecida, o que se faz ao retirarmos o véu obliterante de nossa ignorância, ela se apresenta insofismável e sugestiva, porque é autoconvincente na sua perfectibilidade. A verdade vem de Deus e não dos homens. Não é legítimo dizer que cada um tem sua verdade. Simplesmente porque não temos verdades. Todas verdades são divinas e vivemos em busca de encontrá-las. A medida que ampliamos nossos conhecimentos, vamos nos libertando das sombras e nuvens que as ocultam.

Portanto, não são as pessoas que nos suprem de verdades e sim nós mesmos que nos apercebemos delas com nossa sensibilidade perceptiva. Algumas são desnudadas de todo. Outras, se encontram em processo de apresentação, ainda com muitas ou poucas camadas obscuras a serem vencidas, são as meiasverdades.

Quando nada de realidade apontam, passam a pertencer à família das inverdades ou mentiras, que são negras e de vida curta. Entendeste?...

O discurso filosófico, ouvi de um amigo, com atenção. E respondi a pergunta de arremate.

Achei interessante sua dialética. Porém não a entendi completamente. Você poderia explicar-se melhor, de preferência com exemplos práticos?

Está bem. Esclarecerei - e assim o fez:

Há muitas verdades. De umas estamos mais<sup>1</sup> próximos, de outras mais distantes. E há aquelas que já são do nosso domínio. Isso de modo relativo, dependendo do grau intelectual e moral de cada um. Uma verdade aceita por todo mundo: nós morremos fisicamente. Outra aceita por alguns e não distante de todos: jo homem binômio espírito-matéria. E um exemplo de verdade que está distante de todos: a natureza essencial do espírito. Uma ainda mais distante: a essência; divina.

O esclarecimento de Lúcio (nome do meu amigo) acendeu uma luz no meu espírito, ligou o imerruptor de uma verdade, sem dúvida era das próximas, pois não houve qualquer dificuldade para localizá-la, imponente, real e lúcida, com o esplendor da própria vida: o Espírito não envelhece, está sempre jovem.

- Sim, meu amigo, compreendi o seu raciocínio. Vou, também, dar a prova de uma verdade próxima.

Passei, então, a argumentar.

Podemos sem muita dificuldade compreender que o Espírito não envelhece. Mesmo na posição de encarnados. Não precisamos consultar os desencarnados com esse fim. Basta imaginar situações comproba- tórias.

Se, em idade avançada, estivermos gozando de saúde física e intelectual, e mergulharmos em nossa intimidade, o psiquismo nos assegurará de que somos jovens, com nossos potenciais subjetivos refletindo na matéria objetiva, concreta. Se, negados de informações externas, nos fosse subtraído o recurso refletor do espelho ou da fotografia, a impressão que teríamos de nossa fisionomia seria a que constatamos em juventude compatível com nossos padrões condicionantes de beleza. Sem cabelos brancos, nem mgas faciais. Lindos e maravilhosos. Nunca com o aspecto decrépito e apiedador de corpos cansados de guerras e conquistas, que vemos, com respeito, nos avós, bi, tri ou tetravós, mas jamais veríamos em nós mesmos. Quem de nós, em faixa etária condizente, não nos surpreendemos quando tratados, nas primeiras vezes, de tios (as), vovôs (ós)?...Outro dia em conversa com um casal idoso (ambos com 80 anos de idade), dizia eu que minha mãe, de 92 anos, passeava em shopping center, declamava poesia de sua autoria e ainda filosofava com conceitos vivenciais profundos baseados em sua rica experiência existencial. Sabe qual foi a reação do companheiro ancião?...Simplesmente, assumindo idade psicológica discrepante da realidade, lembrou- me o dever louvador da criatura com o Criador: "Dê graças a Deus. Em nossa idade, é uma bênção ainda ter mãe..."(Minha idade: 20 anos menor do que a dele, e o espelho não me revela velhice prematura).

É, assim, companheiro! As pessoas vêem o tempo passar nos outros. Em si, os ponteiros param na aquiescência complacente e real do seu "eu" egoísta e vaidoso, que assume a posição indevida do Espírito que vive no mundo espiritual, liberto da matéria grosseira e sob o efeito da intemporalidade.

Lúcio, que acompanhava minhas ponderações, ! concluiu:

Isso mesmo, meu amigo! Essa é uma verdade fácil de ser assimilada.

E a conversa prosseguiu por variantes, em ameni- dades improdutivas que dispensam registro.

## UMA PALESTRA INUSITADA

**N**ão há nada mais perfeito do que a criação divina, no seu funcionamento. Do

mais simples serão mais complexo.

Qualquer tipo de vida, para a experiência que lhe foi atribuída, é perfeita. A Consciência Suprema, associando inteligência e justiça extremadas, dotou toda a criação dos recursos necessários para se desenvolver no estágio em que se encontra, com vistas à evolução contínua do princípio inteligente. Por isso, muitas vezes, pelo subdesenvolvimento intelectual, com horizontes cognitivos estreitos, equivocamo-nos na apreciação da Sua obra maravilhosa.

Com visão localizada, limitada à simplicidade da unidade e não ao complexo do todo, podemos até confundir a posição da criatura na espiral evolutiva do ser, com observação extasiada (mas isolada) de uma determinada função perfeita (porque é divina) inerente às necessidades de uma espécie.

Já ouvi a absurda afirmação (e não foi por brincadeira nem por lirismo) de que a ave é mais evoluída do que o homem porque este não é capaz de alçar vôos como aquelas que se deslocam no ar por distâncias enormes, com a maior facilidade e com beleza deslumbrante. Assim é demais !.. .

De sua consciência e até onde alcança o conhecimento do homem, não se pode negar que a estrutura humana é a mais complexa da obra criada pelo autor da vida. Basta submetê-la à Ciência Espírita, no estudo funcional recíproco do binômio cérebro-mente.

A máquina, que é o organismo humano, tem engrenagem não só perfeita mas de extrema complexidade. Porém, está sujeita à lei de destruição, como tudo que é material. Perece, desintegra-se e vira pó. Na maioria das vezes, com precocidade, por desregramento e desrespeito à vontade do Criador, expressa em suas leis reguladoras. Foi o que aconteceu com Eusébio.

Eu o conheci nos seus 55 anos de idade.

Era um homem em tomo de 1,75 m (estatura acima da média do nordestino), peso desproporcional (90 kg), e não muito saudável.

Na ocasião, se iniciava no Espiritismo. Instruído, com nível de escolaridade superior, íntimo das letras e das palavras, optou pela oratória no labor espírita. Acompanhei sua

atuação nas tribunas por pouco tempo, menos de um ano. Era um bom orador, sim, ótima memória e boa fluência verbal. Mas tive que me ausentar da terra em que o sol é generoso (Fortaleza) para a capital em que o astro da vida se esconde tímido (Belo Horizonte).

Quando retomei vinte anos depois, ele já havia partido para a pátria espiritual 10 anos atrás, aos 65. E um amigo me relatou como aconteceu o insólito desenlace. Antes, me informou sobre a vida pregressa de Eusébio.

Toda sua mocidade tinha sido dedicada à boêmia. Não soube administrar o encantamento físico e as tentações mundanas, com seus chamamentos apaixonantes, de prazeres descontrolados e inseqüentes. Cedeu à gula e à sede nociva do álcool, com repercussão perniciosa no corpo e na alma.

Somente aos 55 anos aposentara-se da vida ilusória que confrontava com os objetivos maiores do Espírito, depois de longos e comprometedores desvios da estrada ascensional que nos religa ao Pai.

Foi quando adentrou a Casa Espírita e, sôfrego, buscou, desenfreado, corrigir rumos na "laborterapia" distorcida, na ânsia culposa de recuperar tempo perdido. Descuidou-se da sua condição de saúde em que a máquina, mal utilizada, estava com rendimento reduzido. Assumiu atividades de grandeza muito acima da capacidade corpórea. Mergulhou na divulgação espírita com vontade juvenil (uma palestra por dia, sem preferência de lugar ou distância, fora a produção literária, que era intensa, e os afazeres domésticos, que não eram suaves).

Sua última palestra realmente foi inusitada. A preparação foi feita com muito zelo e seriedade.

Estudou exaustivamente o tema, até dominá-lo de todo. Elaborou um discurso de alta qualidade literária e filosófica. Memorizou integralmente o texto, enriquecido de variantes ilustrativas com histórias elucidativas, por ele mesmo criadas. Sentiu, não sabia porque, a necessidade de realizar naquela noite um trabalho impecável, em que a mensagem evangélica (Os são não precisam de médico) tocasse o coração dos que ali comparecessem, encarnados e desencarnados, para que se preocupassem com o tratamento das enfermidades da alma.

A casa estava lotada e o verbo foi liberado vibrante e com eloqüência admirável, durante 70 minutos. Auditório atento, em perfeita sintonia, ninguém cochilava, a palavra era envolvente e o ambiente vibrava em alta freqüência. Por fim, a despedida final:

Muita paz! E fiquem com Deus, porque eu já estou indo com Ele...

Em seguida, caiu fulminado no púlpito, com um sorriso nos lábios, talvez de agradecimento ao Misericordioso pelo nobre dever cumprido.

## O SOM DIVINO OU INFERNAL

U

ma pessoa simples. Satisfeita com o que tem. Sem grandes anseios. De

mundo restrito, em necessidades e projeto de vida. Suas realizações pouco se distanciam do básico, do indispensável à sua sobrevivência e dos seus. Estudar pra que? Alfabetizar-se com 30 anos de idade? Faz sentido? Na cabeça dele não, pois não quer complicação na sua mente. Até que tentou, mas achou muito difícil este negócio de juntar letras para formar sílabas, depois palavras, frases, períodos...com o único fim de escrever. Pra que isso? Ele quer lá ser escritor!

Não preciso de lápis e papel para me comunicar. A minha fala é tudo. Digo o que quero e sinto, e todos me entendem. Sei expressar muito bem meus sentimentos e minha vontade. A alfabetização não me tomará melhor em sensibilidade, bom senso, discernimento, nem tampouco me fará mais inteligente. Logo...(argumentações dele, na sua ingenuidade e limitação cognitiva).

No entanto, o José Maria, esta figura singela, relaxada, sem pressa, despreocupada, que trabalha o hoje e para o hoje, indiferente ao amanhã, alimenta uma grande paixão de natureza muito mais emocional do que material. É sua motivação de vida, seu oxigênio, sua alegria. É o que lhe dá ânimo e coragem para o trabalho, sem ela tudo perderia sua razão de ser. O belo desapareceria e a monotonia invadiria seu coração. O mundo externo não seria mais do que um amontoado de coisas e pessoas ao seu redor, sem qualquer significado, anular-se-ia a interação natural, que estimula e financia o desejo de viver. Não seria muito diferente de um ser não pensante, que nem sequer tem consciência de sua própria existência.

Essa paixão desmedida, de força descomunal, j concentrava-se num aparelho de som, que era a realização de um sonho alimentado desde a infância. O som ouvido com o recurso da eletrônica há muito revolucionava sua alma, estremecia seu psiquismo, arrebatava-lhe o emocional. Para ele, não havia nada mais sublime, mais encantador. E quanto mais potente, mais alto, estridente e ensurdecedor, maior a emoção. O termômetro da felicidade subia a nível de delírios e fantasias. Nessas ocasiões, transportava-se aos Céus; ao lado de querubins e serafins. Uma loucura...Por isso, lutou, lutou, trabalhou intensamente, ensopou dezenas ou centenas de camisas no labor pesado, que pouco solicita da mente e muito dos músculos.



Com o cuidado para nunca faltar o "pão nosso de cada dia" no seu lar, guardou por muito tempo parcas moedas, até somar o valor correspondente ao preço do objeto que transformaria sua quimera em realidade. Comprou o "som" aos 28 anos, no dia do seu aniversário. O ápice da conquista, seu autopresente, que tinha força e valor superior àqueles que nunca recebeu (ficaram apenas na vontade abortada dos entes queridos, que, sem lenço, sem documento e sem bolso, nunca puderam presentear-lo).

Curtiu suas melodias (de bom gosto duvidoso), em "solidariedade" forçada e a longa distância, durante dois anos. Até quando o botão "liga-desliga" não mais acionou o mecanismo eletrônico, perturbador para uns, porém mágico e divino para ele. Pifou o dito cujo. Calou-se o lar de José. Sossegou a vizinhança.

Não poderia ficar assim. O marasmo o levaria a louquice. Reagiu e procurou solução. Indicaram-lhe profissional de comprovada competência em outra cidade. A tentativa com os nativos já havia se esgotada, nenhum habilitou-se, na precária cidade praiana, a consertar o sofisticado aparelho. Aquele sim, o Sr. Arnaldo, reunia qualidades técnicas adequadas à reparação necessária. Homem instruído, habilidoso, educado, cortês, honesto e de moral ilibada, nos seus 65 anos de vida. Graças a Deus localizou a pessoa certa, inspirou-lhe confiança, pelo que de respeitoso transparecia: porte físico impressionante (alto, forte, nobre, olhos azuis, miúdos como os dos orientais) e, para completar, era evangélico, da mesma seita que ele (o de 30) havia abraçado com devoção.

- Seu José Maria, fique tranqüilo. Seu som estará pronto dentro de uma semana, ainda melhor do que quando funcionava por último, pois receberá novas peças, resgatando sua condição de novo, de quando foi adquirido. Debruçar-me-ei sobre ele com muito interesse e carinho, para bem servir o meu irmão de fé.

Brilharam os olhos do atendido, sua alma tomou alento, ressuscitaram em sua intimidade as emoções maravilhosas que estavam sepultadas em seu coração.

Obrigado, seu Arnaldo, conte com minha amizal de e minha pobre referência. Falarei da sua pessoa aos meus conhecidos e, quem sabe, poderei ser intermediário de outros serviços. Muito obrigado mesmo, J aguardo seu telefonema na conclusão dos trabalhos. ]

É desnecessário o telefonema. Pode vir pegar seu aparelho no dia 10 de dezembro (o compromisso] estava sendo selado no dia 3 de dezembro). Sempre honrei minha palavra, eis o respaldo do meu conceito e sucesso profissionais. Peça-lhe, apenas, que deixe 50% do orçamento, para compra de peças e material. O valor da reparação fica acertado em R\$ 100,00, portanto você me adianta R\$ 50,00.

Ora, seu Arnaldo, não tem problema nenhum. í Vou lhe pagar, logo, o valor total, já economizado para i esse fim. O senhor me merece absoluta confiança.

E repassou às mãos limpas e probas do fraterno técnico duas notas de R\$ 50,00, amalhadas a duras penas. Satisfeitíssimo.

No dia combinado, lá estava José na oficina "eletrônica" empilhada de eletrodoméstico de

todo tipo, de telefone celular a geladeira, justificando o nome eclético de "Oficina faz tudo". Com certa dificuldade visualizou o seu som. Estava embalado como chegou, sem qualquer sinal de apreciação. Não conteve o desapontamento e manifestou sua insatisfação, que foi neutralizada pela argumentação polida e convincente do irmão Arnaldo.

Não se aborreça, meu irmão. A paciência é virtude divina que patrocina as conquistas materiais e espirituais, produzindo no homem a fé e coragem necessárias à obtenção de nossos desejos, à realização dos nossos projetos de vida. Compreendo sua desilusão que é consequência de forte ansiedade sua. Mas tenha calma, nossas vidas são repletas de imprevistos inevitáveis. Tive de me voltar para chamamentos prioritários. Fique com a certeza de que seu serviço estará pronto com mais uma semana, dia 17 próximo, quando novamente você viverá seus momentos de delícias musicais.

O praiano, embora atento, nada entendeu da filosofia exposta. Apenas achou bonitas as palavras do sexagenário. Mas a última afirmativa realmente o comoveu, transformou o transtornado em dócil e conformada criatura.

Está bem seu Arnaldo, não há de ser nada, estarei aqui no dia 17. Desculpe se fui mal-educado.

Sorumbático, sem ânimo para o trabalho, devaneava com o seu tesouro, quando recebeu um chamado telefônico, no dia 15.

Amigo, não vai ser possível lhe entregar o som no dia 17. O serviço está complicado e descobri mais uma peça danificada. Amanhã irei a Fortaleza para comprá-la, na autorizada. Estou telefonando para você não perder sua viagem e, também, para pedir sua compreensão. Fique tranqüilo, o importante é no final você receberem som em excelente condição.

José Maria deu azar. A recuperação do aparelho estava se complicando. Consertava-se um defeito, aparecia outro, substituía-se uma peça, queimava-se outra, refazia-se um circuito comprometido, outro entrava em curto-circuito, um pandemônio eletrônico. Seu Arnaldo explicava com muita propriedade, sempre esclarecendo a complexa resolução técnica, para justificar ao cliente especial a demora na solução da pendência.

Como desacreditar num homem de tamanha competência e criteriosa postura? Nesse trabalho zeloso de relacionamento humano, o eletrônico consolidou a confiança do ingênuo cliente. Fê-lo um admirador incondicional. Alimentou-o de esperança renovadora que o levantou da ociosidade para a disposição do trabalho digno. Promoveu-o a propagandista do seu respeitável ofício. Conseguiu dele mais meia dúzia de clientes. Recebeu, para reparação, outros aparelhos de som e televisões cujos proprietários haviam sido convencidos pelo irmão-propagador, ao ouvirem referências elogiosas, entusiasmadas e atraentes. Um desses assistidos foi a sogra de José Maria que confiou seu televisor ao conceituado profissional, de mão-de-obra acessível.

Nessa atmosfera de confiança e expectativa, passaram-se três meses. Por fim, chegou o

dia (uma sexta-feira de março) da notícia prazerosa, da emoção intensa, que faz o órgão nobre pulsar diferente, ostensivo e alarmante. Não se conteve, desligou seu celular-de-cartão e saiu pulando pelos cômodos da casa, anunciando a Deus e ao mundo, como a criança livre e desprovida de preconceitos.

O meu som estará pronto terça-feira! Seu Arnaldo não mais encontrou defeitos. Graças a Deus tudo está funcionando maravilha. Ou homem inteligente!...E o televisor de minha querida sogra, também...

Amuito custo consegui R\$ 20,00 emprestados e partiu para cidade vizinha, no glorioso dia. Na mente a reprodução do som portentoso e no coração as sensações agradabilíssimas das emoções inebriantes.

Esquisito. A oficina "Faz tudo" estava fechada. O que houve? Seu Arnaldo estava na sesta?...José Maria deslocou-se até a residência do "irmão em Cristo". Também fechada. Buscou informação com o vizinho.!

Ele foi embora no domingo. Encheu o caminhão de tudo que tinha na oficina e do pouco que tinha em casa e desapareceu. Não deixou endereço nem satisfação. Ficaram as contas e os ludibriados na praça.] Calcula-se em mais de R\$ 10.000,00 a soma das suas vigarices.

O ingênuo José ainda procurou outros informantes para se convencer do fato que lhe parecia um pesadelo. E não lhe restou outra alternativa que não fosse tomar o rumo de casa, angustiado, aflito, profundamente decepcionado. Ao chegar de ônibus no centro de sua cidadezinha, resolve tomar um taxi até o lugarejo onde morava, a dois quilômetros. "Desgraça pouco é tiquinho", entendeu ele. (Gostava de usar esse adágio popular nos momentos de autoconformação, em que a esperança ainda oferece uma tábua de salvação). Ao descer do veículo, foi recebido pela ansiosa sogra. J

E aí, José Maria, trouxe o som?

O som já era!

Não é possível! E minha televisão?

Também já era!

D. Secundina (este era o seu nome), tremeu e se sentiu mal. Por pouco não desmaiou.

E o nosso amigo adentrou seu infeliz lar, cabisbaixo.

No bolso dois minguados reais e nos olhos duas robustas lágrimas, uma de dor e a outra de revolta.

# VIRTUDES

# A

essência moral da criatura humana é constituída de virtudes, que são divinas. No início são forças em potencial (sementes) que, ativadas no relacionamento com coisas e seres, desenvolvem-se e nos impelem na espiral evolutiva existencial. É com o concurso delas que nos aperfeiçamos, aproximando-nos de Deus, depois de muito exercitá-las na matéria, através dos ciclos renovadores do nascer, morrer e nascer de novo, tantos quantos forem necessários.

Nosso projeto de vida, de autoria da Inteligência Suprema, tem a finalidade sublime do aperfeiçoamento, no estado glorioso da felicidade. E para isso o Pai de Infinita Bondade e Misericórdia nos dotou desses recursos poderosos, instrumentos subjetivos de trabalho. Quando ativados, são capazes de vencer os adversários do bem que se instalaram (ou venham a se instalar) em nossa casa íntima, com forma de vícios e desvios pelo mau uso do livre-arbítrio. “Vós sois deuses”, já dizia o Mestre dos Mestres, nosso ímã maior, guia e modelo moral da humanidade.

No ponto em que nos encontramos de jornada de retomo ao autor da vida, em que acumulamos erros, defeitos e imperfeições, urge providências para neutralizar o lixo moral, que são forças negativas opondo-se àquelas responsáveis pelo nosso deslocamento na estrada ascensional da evolução do espírito. É preciso compreender essa realidade, para não nos perdermos em veredas retardativas. Se nos desvincularmos dos antagonistas, eliminando-os, expulsando-os de nossos corações, liberaremos as virtudes no seu desempenho natural e edificante. Portanto, a preocupação válida não é adquirir virtudes (porque já as temos todas em nossa essência) e sim combater os opositores que agem inibindo-as e retardando o desenvolvimento delas.

As metas de comportamentos que deveremos estabelecer para favorecer nosso crescimento espiritual devem se voltar para o combate aos inimigos de nossa moralidade. Se nossa indulgência está obliterada; da, recorramos à razão (que é uma virtude ativada e em franco desenvolvimento em todos nós) para nos colocar sempre refratários à intolerância, censurando-a, não aceitando sua manifestação. Vencendo-a, ativamos a tolerância naturalmente, suavemente, para realizar, solidária e participativa, o trabalho que lhe cabe nesse majestoso empreendimento divinal. Virtude ociosa significa adversário atuando na área. Identifiquemo-lo para combatê-lo de pronto, com energia e racionalidade.

E comum invertermos o procedimento e nos precipitarmos, despreparados e equivocados, em busca de virtudes fora, às vezes em lugares impróprios. Nesses casos, estaremos nos distanciando delas que se encontram tão próxima de nós, dormitando sufocadas.

Convenci-me dessa verdade em conversa com um amigo meu, João Paulo, cinqüentão inteligente, escritor, pensador habitual, exímio praticante da arte da análise e do questionamento. Dilatou sua visão à distância do oculto e enxerga profundidade naquilo que parece superficial, vê espetáculo no simples e valoriza todas as coisas e seres por entendê-los imprescindíveis na dinâmica da vida em que *tudo se encadeia*, do átomo ao arcanjo. Não só ele descobriu o inteligente procedimento, como exercitou-o com profícuos resultados. Era muito impaciente, hoje consegue se concentrar em situações ou lugares desconselháveis: escreve textos criativos (poemas, contos e novelas) no burburinho de aeroportos, como se estivesse em seu gabinete de trabalho, no silêncio cúmplice da madrugada. Acompanhemos uma de suas experiências (das primeiras) na guerra a esse sentimento deletério retardador, responsável por ocorrências desastrosas, de lamentáveis conseqüências.

Naquele dia, agendara como primeira providência, das vinte a serem realizadas, levar para conserto um aparelho eletrônico (um telefone com secretária eletrônica). Já saiu atrasado de casa. Não sabia em que posição da rua se localizava a oficina e estacionou o carro em lado oposto, a um quilômetro de distância (o estacionamento tinha o número 500 e a oficina o número 1.500). Até aí, tudo bem. Caminhou calmamente para o seu destino, atento e controlando a investida da indesejável, que começava a dar o ar de sua graça desgraçada.

Quando estava em frente do número 1.000, percebeu que havia deixado o aparelho no automóvel. O ímpeto foi de correr e assim o fez no espaço de 100 metros em trajetória de retomo, quando buscou a razão e parou instantaneamente. Cruzou os braços, encostou-se numa parede, respirou fundo e raciocinou. Por que correr? Estou fugindo da polícia?...Devo me manter calmo, tranqüilo. Que essa impaciência se dane, morra e desapareça, porque é minha paciência que vai me ajudar a ser feliz. Refez-se e, em paz, de espírito ajustado, realizou sua tarefa com absoluto êxito e folga no tempo.

Sou testemunha ocular: João Paulo, progrediu muito, sua produção intelecto-moral é impressionante, consegue trabalhar na seara do Cristo com frutos realmente dignos e favoráveis ao melhoramento de nosso mundo, com contribuição relevante na divulgação do Espiritismo e no auxílio fraterno a seus irmãos mais necessitados.



## RECREIO ESPÍRITA

**E**stabeleceu-se uma discussão informal entre um grupo de espíritas do Centro

que freqüente e presto singela contribuição doutrinária. Foi por mim provocada quando manifestei o entendimento de que a oração nem sempre é uma prece, no sentido legítimo de sintonizar com o alto e falar com Deus.

Concordo - falou o companheiro Alves, seareiro das forças armadas que se interessa mais pelo pilar científico da Doutrina. Acho até que as palavras proferidas nas reuniões, para abertura ou encerramento dos trabalhos, na maioria das vezes não contêm as qualidades inerentes à prece; deveríamos denominá-las apenas de oração, para não incorrerem em eventual imprecisão qualificativa - acrescentou em reforço ao meu raciocínio.

Concordo em parte - manifestou-se o mais experiente e presidente da Casa, Rogério, apóstolo fiel de Kardec, e esclareceu porque: - Não podemos acessar a intimidade das pessoas para julgar se elas estão ou não sintonizadas com esferas mais elevadas, se suas palavras são sinceras ou hipócritas, se seu coração está higienizado ou não, condições morais para o acontecimento da prece. Portanto, a possibilidade dos pronunciamentos de abertura ou encerramento de uma reunião espírita serem considerados prece ou não são iguais.

Outro companheiro, de sobrenome feroz (Humberto Leão), multiplicador de pensamentos e simpático às questões mais complexas, opinou:

Entendo, e está no Evangelho Segundo o Espiritismo, que a prece em público, deve ser proferida com palavras de fácil entendimento por todos, para que haja o acompanhamento vibracional coletivo. O valor da prece está no pensamento que informa, relacionando a fala (pelas palavras) às idéias que estão sendo levadas à Espiritualidade Superior. Se as palavras não forem compreensíveis, os presentes não serão envolvidos na comunicação transcendental pretendida.

Foi quando, então, o confrade Eugênio, aprendiz perspicaz do Espiritismo, que tudo grava e anota, explorou a colocação última, de forma hilária, por ele muito apreciada.

E verdade. Não adianta usar palavras bonitas e difíceis, quando não há possibilidade de sermos entendidos, porque a comunicação poderá ser prejudicada e até mesmo abortada. Vou contar uma historinha que ilustra muito bem essa situação :

“Rui Barbosa de Oliveiras (1849–1923), jurista e estadista, que recebeu o epíteto de Águia de Haia e que participou da redação da Constituição de 1891, estava no seu escritório, em sua própria residência, quando ouviu, altas horas da noite, um ruído surdo na área externa. Interrompeu o trabalho intelectual, de qualidade superlativa, retirou o pincenê dos olhos e se dirigiu à origem do baque. Defrontou-se com um amigo do alheio, que guardava uma galinha debaixo do braço. Indignado, admoestou a petulante criatura, questionando-a:

Oh! Larápio. Como ousas transpor o umbral de minha residência para, descaradamente, surrupiar meu galináceo?...

A resposta conjugou admiração, perplexidade e dúvida, de quem carece de mais esclarecimentos:

Cuma!? Levo ou não levo?..."

De alma sorrindo, dispersaram-se todos e foi desfeito o recreio salutar, com alegria educativa, porque lições evangélicas foram assimiladas, com humor e fraternidade.

## UM NOVO PAI

P

ronto. Chegou a hora, meu bem. Agora, sim, vamos cuidar de nossas vidas. Sem

a preocupação com filhos, haveremos de gozar as delícias que o mundo tem a oferecer. Passeios, divertimentos, viagens, nada nos faltará. Aposentados e bem situados financeiramente, qualquer projeto que planejarmos será exeqüível. Até mesmo uma volta ao mundo, descortinando maravilhas e belezas nunca dantes imaginadas. Nada empanará nossos sonhos ou nos dificultará os passos na direção do encantamento de outras plagas. Começaremos vida nova, em novos tempos. Pressinto emoções inefáveis.

Nestes termos, desabafava o quinquagenário Eduardo com sua esposa, D. Laura, senhora de mesma idade, submissa e concorde. Na casa de praia do casal, numa noite de verão, sob um céu estrelado e a lua cheia, prateada e bela. Eflúvios transcendentais e balsâmicos, favorecidos pelo cenário deslumbrante, entusiasavam-no, arrebatando-o em gozo virtual esplendoroso. Transportado estava o nosso amigo sob o efeito de força irresistível, dessas que removem montanhas e despertam fascinação hibernada. Justo, neste momento, é interrompido seu devaneio. Bate à porta a filha maior. Vinha aflita e angustiada. No colo, a filhinha de 4 anos. O desespero, a alucinação, o descontrole emocional, era de cortar coração. Pedia socorro e apoio. Sem piedade, havia sido escorraçada de casa pelo desalmado marido, que a expulsou com crueldade. Compensava-lhe apenas o anjinho temo, ingênuo e confortante, que instintivamente colava-se ao seu corpo, temerosa da separação materna. Recebeu o apoio e acolhida incondicionais, naturalmente. E seu Eduardo retomou à realidade.

Passada a crise, serenados os ânimos e recomposta a normalidade, entrou ele em reflexão regressiva.

Fora um pai de extrema responsabilidade. Sua consciência exigia-lhe preocupação absoluta com os filhos. Entendia a missão paterna como tarefa sublime e prioritária. Tinha consciência do seu dever de contribuir para desenvolver nos filhos recursos necessários ao homem de bem, em todas as áreas da atividade humana, de modo a constituírem personalidades educadas, cultas e moralizadas. Por isso, a tudo renunciou. Sua vida fora inteiramente dedicada aos filhos. Nunca se divertiu ou desfrutou de qualquer lazer. Obstinaadamente, tomou como meta o encaminhamento deles na sociedade, liberando-os

após adquirida a independência financeira e social. Assim procedeu com a prole de cinco rebentos. Só entreviu novos horizontes quando retomou da igreja, depois de realizada a cerimônia de casamento da filha caçula.

Enfim sós, minha amada, gracejou com D. Laura.

Gozava ele da satisfação do dever cumprido: tivera termo sua missão. Animado e sentindo-se desobrigado, fazia planos para a vida nova, em viagem pelo mundo da fantasia. Foi quando ocorreu, por ironia, a primeira advertência do destino: laços afetivos jamais se rompem. E seu Eduardo se reposicionou. Modificou seu conceito de paternidade. Transformou-se num novo pai, com compreensão amorosa de que a missão não tem fim, estende-se por toda a existência e transcende cálculos ou projetos pessoais, egoísticos e materiais.

Viveu em paz, a partir daí.

## FELIZ ANO-NOVO

**A**

jangada desliza sobre águas onduladas do alto-mar, levada pelo generoso vento

que açoita a vela branca, resistente e acolhedora.

No leme, mãos fortes e calejadas governam a singela embarcação. São de um pescador, intemorato e sensível. O trabalho é executado automaticamente. Não há a participação consciente e concentrada na tarefa. O comandante está fora do local. Abandonou o posto. Seu pensamento voa. Apenas um leve balanço é sentido, como se relaxasse em confortável rede, em terra firme, com absoluta segurança do denso, do impenetrável, encontrada nos sólidos e ausente nos líquidos.

Pedro divaga.

Pedro medita.

Pedro se expande.

31 de dezembro. Véspera de ano-novo.

Que é ano-novo? interroga-se ele. Existe ano-novo? Vários anos-novos já esperei, dezenas deles. E sempre as mesmas sensações, anseios e preocupações. Desejo de melhores dias, menos sofrimentos, mais alegria e fartura. E comemorar com muita cachaça e euforia, a passagem do ano, que os afortunados chamam de réveillon. Depois, a decepção e o

desencadeamento do processo de subsistência, em rotina dolorosa, desigual e injusta, comum na vida social dos excluídos.

O pensamento de Pedro brota, solto. Desenvolve-se. Toma forma. Vê e vive, o homem, todo o seu passado de angústia e aflição. Um filme se projeta em sua tela mental. Criança ainda, ao lado do pai (que já se encontra do outro lado), lançava-se ao mar no espinhoso ofício do outro Pedro, o apóstolo de Jesus. Meu Deus, que onda enorme! Vai me engolir... Nunca mais verei minha mãe...O coração do pescador acelerou. Seria por conta da vaga revivida ou da atual, que não era de menor dimensão?...

Aliás, agora, na véspera do ano de 1999, as coisas mudaram, avalia ele, atualizando-se no tempo. Não sinto mais qualquer ansiedade com o ano que vem. Dúvidas, perspectiva de bons dias, fartos e fáceis, já não me ocorrem. Dissiparam-se nas cinzas do passado ilusório. O momento, para mim, é igual, idêntico a todos os dias do ano. Nulo, o especial. Ao descobrir que a felicidade se encontra dentro do homem e não fora dele, modificaram-se os sentimentos, as expectativas também, e os valores ocuparam seus verdadeiros lugares. O emocional é um só: paz de espírito e fé em Deus.

Outro pensamento é sintonizado. Viajava em ondas fluídicas espirituais há dez anos, quando projetado foi...(pensamentos emitidos são assim: viajores cósmicos, nômades e definitivos, pousando aqui e ali, em consciências atraentes e receptivas).

Lembro-me bem. Uma pessoa que se dizia minha amiga, causara-me profundo desgosto, magoando um ente muito querido, de modo cruel e inescrupuloso. Estava triste, decepcionado e rancoroso. Doía, meu coração. E o quadro, estratificado, não se libertava de minha mente. Idealizava vingança. Arquitetava plano de desforra. E a bola de rancor, ódio e mágoa, crescia, incontrolável, comandando coração e razão, no firme propósito de a tudo destruir, culpados ou inocentes, que meu espírito perdera a capacidade seletiva do bem e do mal. Foi quando fui aconselhado a procurar uma Casa Espírita. Aquiesci...(um socorro divino).

Meu amigo, este rapaz é um doente. Seu Espírito está enfermo. Precisa de tratamento. Perdoe-o. Seu perdão vai ajudá-lo, como, também e principalmente, a você mesmo, curando sua aflição e libertando-lhe estado de paz e bem-estar. Busque a harmonia com o alto, e, em prece, ofereça-lhe o seu perdão sincero sob o testemunho do Mestre Jesus...

A mensagem atingiu o íntimo de meu ser na velocidade de um raio e com a certeza da fé divina. E a idéia, insistente e perniciosa, como num passe de mágica, diluiu-se, morreu e sepultou-se em poucos meses de aplicação daquela abençoada receita...

Duas lágrimas emparelhadas passearam na face de Pedro, o espírita. Era o filho, convertido e modificado, que, emocionado e jubiloso, no balanço do mar, agradecia ao Pai Criador, comparando o passado torturante com o presente tranqüilo e confortante...

Uma onda menos companheira, bravia e desrespeitosa, o fez retomar ao corpo. Restabeleceu-se o estado normal com o choque firme e seco jangada-mar, e com a

identificação, em alto e bom som, de voz familiar, amorosa e respeitável, que guardava inconfundível, no arquivo da memória.

Feliz ano-novo!

(A saudação era do saudoso pai, não lhe restava a menor dúvida).

O coração descompassou. Poderia ser de medo, se alojado estivesse em peito céptico e materialista. No entanto, o sentimento era de alegria, de Espírito esclarecido, que a moral elevou, propiciando-lhe a sintonia fina com vibrações de amor, emanadas de alma simpática e querida.

Consultou o relógio na escuridão da noite, confirmou o encontro dos ponteiros luminosos, sorriu e respondeu, de alma leve e serena:

FelizAno-Novo!

## RIQUEZA MAL-EMPREGADA

**Ao** saber, pelo Espiritismo, que o desafortunado de hoje foi o rico de ontem que empregou mal sua riqueza, utilizando-a apenas para o seu bem-estar e gozos terrenos, deixei de me incomodar com o sofrimento dos excluídos, daqueles para quem a oportunidade de sobrevivência é escassa e penosa. Afinal, eles estão em dificuldade porque a merecem e é necessária para se ajustarem perante a lei divina. Colhemos o que plantamos (lei de causa e efeito). Nossa interferência no processo poderá prejudicar o resgate de suas faltas, contribuindo, o procedimento, para retardar suas marchas evolutivas. Na verdade, ao auxiliá-los estaremos praticando um ato descaridoso e não de caridade, como muitos pensam”.

Assim se manifestava a jovem senhora que se iniciava no estudo de grupo do Evangelho Segundo o Espiritismo, na Casa Espírita.

Outro participante retrucou, com visão mais coerente:

Sendo assim, em que consiste a caridade, se não devemos nos sensibilizar com o próximo que necessita de auxílio? Por acaso deveremos trabalhar para crescer cada vez mais a opulência do rico e fomentar a desigualdade social, ou, então, multiplicar nossos bens, com supérfluos e futilidades, egoisticamente?

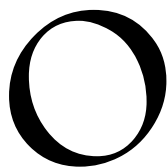
Entre as duas colocações conflitantes, ponderou, mediano e esclarecedor, o experiente dirigente do grupo.

Muito bem. Vamos todos juntos raciocinar à luz dos ensinamentos do Mestre maior. Disse Ele que devemos amar o próximo como a nós mesmo, perdoar o nosso devedor para que Deus perdoe as nossas dívidas e, lembrou, ainda, que devido ao atributo de Justiça Absoluta do Pai, sempre recebemos o que merecemos (parábola do mau servidor). Como os três ensinamentos devem ser observados, concluímos que devemos amar o nosso próximo (na medida que nos amamos), ser indulgentes com suas faltas e auxiliar o irmão a superar suas provas e expiações, através dos sentimentos de solidariedade e fraternidade, que tanto nos revigoram em nossos momentos de fragilidade semelhantes - e concluiu convincente, iluminado pela luz da verdade:

Fazer caridade ao próximo não significa subtrair- lhe a oportunidade redentora e, sim, fortalecê-lo de meios e condições, materiais ou psicológicos, para que o irmão prossiga com fé e perseverança na realização do seu projeto reencarnatório, como ser imortal.

Esclarecida a questão, os aprendizes da Boa Nova, concordantes e convencidos, prosseguiram o estudo no seu curso normal, em clima de paz e sob a assistência intuitiva da Espiritualidade Maior.

# INGRATIDÃO



primeiro filho recebe dos pais intensa carga sentimental, em forma de

carinho, cuidados e proteção. É a jóia preciosa e delicada, que encanta, modifica e motiva corações.

Em especial com ele, os pais se reforçam de esperança e vontade de viver, projetam planos ousados, entrevêm realizações auspiciosas, sucesso e prosperidade. Alimentam sonhos em estradas facilitadas pelo asfalto brilhante e macio da bem-aventurança, onde apenas a vitória transita, soberba.

D. Lúcia, desde a vida intra-uterina de Rodolfo, ansiado rebento, caminhou por esse tapete verde, esperançosa e confiante na felicidade da criatura que lhe foi confiada. Com a educação primorosa que receberia, certamente o grande prêmio seria conquistado. Na tranqüilidade da independência financeira e no conforto emocional do casamento digno e condizente.

Mas não foi o que aconteceu. O queridíssimo filho único não correspondeu aos anseios da mãe. Aos dezenove anos abandonou os estudos, desconsiderou conselhos dos pais e, a contragosto deles, casou com moça de reputação duvidosa. Provocou dores profundas e machucou coração enobrecido, impiedosamente. Desviou-se da rota redentora. Olvidou o compromisso no Educandário Divino, precipitando os acontecimentos e desperdiçando oportunidades básicas e dadivosas para desenvolver o sentimento maior, que abre horizontes e facilita o relacionamento com o próximo.

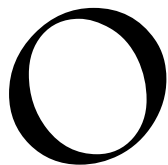
Ela, Espírito mais esclarecido, soube superar o revés. Em oração diuturna, rogou ao Pai Maior bênçãos de paz e lucidez para o filho, implorou redenção do ingrato e reposicionamento equilibrado e harmonioso.

A prece sincera e por justa causa, sempre è atendida. Filho e mãe se reconciliaram, desfizeram-se mágoas, prevaleceu o arrependimento. O perdão se consolidou. E D. Lúcia, aos 80 anos de idade, recuperou a alegria de viver.

(Compromisso reencamatório bem-sucedido. Pela força da perseverança e poder da fé robusta. Graças a Deus!)



## ○ BOM SAMARITANO



sorriso largo, a feição descontraída, o trato cordial, conflitavam com as

condições físicas do rapaz: paraplégico, com membros inferiores sem função, deslocava-se com o apoio dos braços, de forma compadecedora. Era mendigo, pedinte no trânsito, entre carros de luxo e caras feias, embora saudáveis (por ironia). Salvo raras exceções. O Sr. Joaquim era uma delas.

Sensibilizou-se com o quadro, sentiu profunda piedade e um sentimento sincero de admiração o aproximou do jovem descamisado.

Bom dia, amigo! Como você se chama? Está bem?

Bom dia, senhor. Eu me chamo João Costa e estou bem, sim, graças ao Pai Bondoso.

O excluído da sociedade transparecia bem-estar, paz de espírito, a tranqüilidade da conformação, e emanava vibrações benfazejas.

Joaquim despediu-se daquele primeiro contato, após generoso auxílio material concedido e com a alma enriquecida pela lição de vida ministrada por Espírito consciente que, entre pedras e pedregulhos, caminhava vitorioso.

O homem sensível nunca mais deixou de visitar o amigo de estrada, que, por designio divino, foi colocado em seu roteiro existencial. Estabeleceu-se uma permuta fraterna, de caridade recíproca.

Um tem o outro como seu "Bom Samaritano".

\*\*\*

## UMA PRECE INACABADA



Quando dizemos que a prece é uma conversa com Deus, estamos definindo

esse momento sublime como um ato da comunicação. Uma comunicação especial, sem dúvida, pois o interlocutor, para efetivá-la, não depende dos recursos comuns: a fala, a escrita, a mímica ou o visual.

Não há necessidade da palavra na realização da prece. A transmissão se faz pelo pensamento que se desloca através do fluido espiritual em ondas vibratórias com frequências diferenciadas e progressivas. Mas é preciso que esse pensamento seja emitido com força da vontade, em frequência vibratória que se eleva com o grau de qualidade moral do nosso estado anímico.

De modo didático e prático, é válido dizer: uma prece pode ser uma oração (quando a fala é utilizada) ou não (se feita em silêncio); uma oração pode ser uma prece (quando contém a qualidade espiritual própria dessa comunicação transcendental) ou não (quando se restringe simplesmente à uma fala vazia, desprovida de sentimentos sinceros). D. Assunção teve a oportunidade de vivenciar uma situação ilustrativa.

Espírita novel, de coração ávido das verdades morais do Cristo, com sensibilidade à flor da pele, ouvia, maravilhada, a palestra de orador eloqüente e muito inspirado.

O tema evangélico (honrar pai e mãe) tocara-lhe profundamente o psiquismo. Recebera a mensagem como por magnetismo, absorvera-a como a esponja sedenta de líquido, parecia até ter sido uma providência da Espiritualidade, direcionando-lhe os ensinamentos de que carecia.

Abriram-se os canais sensitivos e sentimento amoroso predominou em seu coração, com a saudade do pai que partira para a pátria espiritual havia pouco tempo.

Encerrada a palestra, o dirigente da mesa convidou voluntário para proferir a prece final. D. Assunção habilitou-se, sentiu-se no dever de fazê-la. Precisava agradecer a profusão de bênçãos recebidas. Buscou sua interioridade e levantou-se para falar com Deus, dizendo assim:

"Pai Criador, de Infinita Bondade, agradeço a oportunidade que tive hoje de beber da tua bendita fonte de amor e consolação. Peço tuas bênçãos misericordiosas para meu pai querido que partiu deixando meu coração com imensa saudade..."

Esse estado vibrátil extraordinário também é chamado de oração. Porém, se

considerarmos a semântica da palavra oração constataremos seu condicionamento à fala (oração significa sermão, discurso, fala).

A voz, iniciada em timbre firme e de alto bom som, foi se esvaindo, diminuindo a sonoridade, perdendo vibração, até se render ao pranto incontrolado, com soluços e lamentações chorosas: “meu pai, meu pai, onde está você?...”

As lágrimas escorriam fartas e suas pernas tremiam.

## DIÁLOGO MUDO

S

im, vai atender. Lembra-te de que estás em processo de evangelização.

Preocupa-te com tua reforma íntima. Há necessidade do melhoramento moral, condição indispensável para o nosso crescimento espiritual. Portanto, segue os ensinamentos do Mestre Jesus: abre sempre as portas àquele que te procurar (batei e abrir-se-vos-á). As decepções do ontem, que são provações redentoras para o hoje, não devem ser motivo de desânimo. Os assaltos de que foste vítima não aconteceram à toa. Tudo tem sua razão de ser. E a justiça divina é perfeita e sábia. Não é ao se esconder ou fugir das dificuldades que se vence. Se resguardar porque é véspera de ano-novo? Que história é essa? Vai, homem, atende o senhor que bate à tua porta... Está bem, eu vou... (E saiu do diálogo mudo).

Boa tarde. Sou do Departamento de Proteção ao Meio Ambiente (a carteira de identificação exposta na mão, autenticando a palavra). Estamos realizando um trabalho de conscientização da maior importância para o meio ambiente em favor do cidadão: instruir a respeito de material doméstico radioativo, cujo mau uso é prejudicial à saúde humana. Até mesmo uma lâmpada fluorescente precisa ser bem acondicionada quando o seu destino é lixo, após a sua inutilização...

Com um cordial "Feliz Ano-Novo" despediu-se, deixando as orientações cabíveis ao domicílio visitado, e compatíveis com ele, na sua simplicidade de lar pobre, provido apenas do estritamente necessário. E ficou com Horácio o detalhe e a preocupação intempestiva de como proceder com a lâmpada fluorescente em desuso: lacrá-la em caixa de concreto, com 10 cm de espessura nos lados, tampa e fundo, e enterrá-la com 3 metros de profundidade, dentro de 24 horas após a sua morte.

Ora bolas, logo hoje, com tudo fechado! O que fazer com a fluorescente que queimou ontem, à noite? E ainda mais sem tempo suficiente para construir esta estúpida caixa. Por empréstimo, impossível (quem vai dispor de semelhante trambolho?). Comprar pré-fabricada, sem condições (tudo fechado). Construir, mesmo na feliz hipótese de conseguir o material - areia e brita - também inviável (tempo insuficiente para secar o concreto). E agora, o que fazer?...Calma, meu irmão, eu estou aqui, contas com meu apoio e solidariedade. Não perderás tua comemoração de passagem de ano. Sei da tua ansiedade. Afinal de contas, é a entrada de novo ano, fala-se em final de século e de milênio. Não

podemos empanar com nossos problemas pessoais tão rara oportunidade e deixar passar em brancas nuvens este momento singular. São milhões de pensamentos conjugados a idealizar as mais absurdas como também possíveis realizações. De repente, plasmam eles alguma novidade de interesse geral e pode surgir daí dias melhores para todos, paz, amor e fraternidade espalhando-se pela humanidade. Como seria bom, hem?... A idéia já foi lançada, faze como eu estou te falando e não te arrependers. Sou ou não sou, o teu anjo da guarda?...Está bem, vou. (E encerrou, o diálogo mudo)

O sol no horizonte, curiosamente, estava mais vermelho do que nos 364 dias anteriores do ano. Era de reprovação às pessoas que, naquele ciclo, insistiram em abusar e fazer uso indevido de seus livres-arbítrios, aqueles que se comprazem no mal, os egoístas, que são indiferentes às provações difíceis do seu semelhante, não lhes emprestando quaisquer lenitivos na forma de caridade. Você está certo, meu irmão Sol, ainda bem que não pertenço a este time.. .respirou fundo e partiu.

Pegou ele o ônibus de Parangaba em direção ao Centro. Constatou não haver mais lugar para sentar (melhor ainda, pensou). A lâmpada, na mão direita. Descoberta. Para que todo mundo visse que se tratava de uma lâmpada, e nada mais. Um objeto simples e de identificação geral, "inofensivo" e facilmente manipulável. Tudo nos conformes, em obediência ao conselho do Espírito Protetor (seria?...).

Com a mão esquerda levantada segurava o cano de apoio de passageiros, com a outra prendia a fluorescente, na vertical. Na quinta parada, lotou o coletivo. Ocuparam-se os espaços no apoio horizontal e começaram a surgir mãos apoiando-se no vertical (a indesejável lâmpada fluorescente). Horácio pediu parada. E sem saudades deixou o seu pertence à sorte, com um riso nos lábios e o coração exultante. Missão realizada e consciência leve de quem cumpre ordens superiores.

Ainda estava comemorativo, quando o amigo Damião, irmão de fé e ideal, respeitável trabalhador das lides espíritas, aparece-lhe à frente.

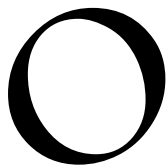
Irmão Horácio! Que prazer encontrá-lo neste final de século. Há quanto tempo não o via. Que feliz coincidência estar com o prezado irmão exatamente no último dia do ano. Que a luz do Mestre Amado ilumine seu coração com a lâmpada do amor, e não com a lâmpada mundana, mormente a fluorescente que é altamente nociva. Feliz Ano-Novo!

Horácio apertou-lhe rapidamente a mão estendida e liberou sonora gargalhada, ao mesmo tempo que lhe deu as costas em disparada, rumo ao convívio sagrado do lar.

Coitado! Está obsidiado. Que Deus o proteja!

E prossegue Damião sua caminhada, balançando a cabeça e questionando o comportamento da pessoa humana, tão vulnerável às influências espirituais.

# COMUNICAÇÃO MAL-ENTENDIDA



relacionamento com o mundo espiritual é coisa séria. Muito séria. Vejam só

nossa desvantagem, a dos encarnados.

Quando estamos sintonizados com os desencarnados, na condição privilegiada de médiuns poderosos e especiais, podemos falar com eles, ouvi-los e vê-los, é verdade. Eles, também, dispõem da mesma possibilidade em situação recíproca. Há, porém, uma grande diferença: apresentam-se como querem (nas aparências e transformações possíveis de seus perispíritos moldáveis), para atender suas intenções (que podem ser boas ou não). Ficamos a mercê deles, sem evidência do falso ou do verdadeiro. Ao passo que eles nos vêem com olhos penetrantes da realidade, que atravessam o rijo e revelam o oculto. Quando, mal intencionados, querem enganar, a sutileza de suas propriedades perispíricas os favorece.

Participando de um curso sobre mediunidade, ouvi um relato assaz ilustrativo, de expositor confiável, de reconhecida credibilidade moral e doutrinária. Fato verídico que, por óbvias razões éticas, dispensa identificações.

O Centro Espírita não priorizava os estudos. O setor mediúnico esquecia o bom senso de Kardec e subestimava "O Livro dos Médiuns", que permanecia maior parte do tempo dormindo nas prateleiras da biblioteca do que aceso e vivo nas mãos e mentes dos intermediários do além. Então, aconteceu o inusitado intercâmbio dos dois mundos, com surpreendente revelação.

O médium, em reunião de desobsessão, deu passividade ao Espírito, que se identificou de pronto:

Sou Bezerra de Menezes e estou aqui para colaborar no trabalho de cura aos nossos irmãos necessitados.

Dr. Bezerra de Menezes!? - investigou o esclarecedor, com o sabor do fantástico e a vaidade do privilégio.

Sim, Dr. Bezerra de Menezes - respondeu a voz (porque ninguém o via).

Deus nos abençoe, Dr. Bezerra! Qual a orientação, que providências devemos tomar para iniciar os trabalhos? (A emoção era enorme: a fala tremia e os olhos brilhavam)

Bem. Para que os trabalhos se realizem com organização e disciplina, quero que todos da equipe adotem bata branca bordada, em verde, com o nome "Dr. Bezerra de Menezes", no

peito.

Sim, senhor - concordou o interlocutor de desencarnado, com respeito sublimado.

E assim foi feito, com convicção, reverência e obediência santa.

Dois anos se passaram de atividades no tratamento de enfermos do corpo (a profilaxia espírita cuida da alma e não do corpo) sob orientação de suposto médico do invisível. Até que, em um dia feliz, por indução, quiçá, da espiritualidade superior, integrou-se ao grupo companheiro esclarecido, simpático aos estudos e íntimo da codificação kardeciana. Estranhou o procedimento. Não concordou com as exigências espirituais vaidosas, entre outras absurdidades. E argumentou com o "Dr. Bezerra de Menezes". Com muito jeito e habilidade: pondera daqui, justifica dali, respalda-se em Kardec, cita Léon Denis, Herculano Pires, Philomeno de Miranda, e acaba encurralando o impostor. Por fim, a pergunta decisiva, o xeque-mate:

Você é mesmo o Espírito de Dr. Bezerra de Menezes, o médico dos pobres?

- Não, senhor. Quando encarnado entre vós, chamava-me Bezerra de Menezes, sim, mas o açougueiro. (Deu nome do bairro e da rua, e o número da casa onde negociou).

- E por que você se identificou como o espírito benfeitor, que presta inestimáveis serviços caritativos em nosso orbe, o boníssimo médico da espiritualidade?

Não. Eu não me identifiquei como Dr. Bezerra de Menezes. Simplesmente concordei com a identidade que eles desejavam que eu tivesse...

Cuidado, meus irmãos médiuns, cuidado com o invisível! Quem não se protege, com a razão e a moralidade, toma-se vulnerável a todo tipo de obsessão, leviandade e embuste de Espíritos inferiores que ainda não despertaram para a necessidade do amor ao próximo.

## TALENTOS SUBESTIMADOS

**A**o transpor a porta de segurança do Banco, Mário Augusto não ouviu o sinal

detetor de metais. Não conduzia material considerado perigoso pelo tipo de estabelecimento, nem mesmo os comuns e inofensivos, que, nas mãos dos delinqüentes, podem deixar de sê-los (canivetes, estiletos etc). Para que, se sua bandeira é insensível aos ventos da violência?

A porta girou livre e, junto com ela, colocou-se ele no salão de expediente. Na santa paz de espírito e em confortável harmonização interior. Neste estado já vinha desde o momento em que se retirou de casa, a pé (morava próximo), com o fim de receber seu cartão-de-crédito novo. Havia orado com fé e se mantinha vigilante, atitude sensata que sempre adota ao se precipitar no seio do mundo, palco de múltiplas cenas, que podem variar da caridade à crueldade sanguino- lenta de um coração perverso.

Mário Augusto é um homem experiente de vida (mundana e espiritual). Aposentou-se das atividades profissionais aos 52 anos (durante 30 anos foi funcionário ativo do Banco do qual agora era apenas cliente). Da vida espiritual, cuida há vinte anos, na prática do Espiritismo. Convenceu-se dos ensinamentos espíritas e esforça-se em vivenciá-los. Entendeu que somos todos virtuosos, em essência. El a nossa grande preocupação deve ser encontrar o meio eficaz de desenvolver essas virtudes que se encontram em fase incipiente. Compara o Espírito com um terreno agrícola em plantio: se bem tratado, fertilizado e extirpado de ervas daninhas, as sementes germinarão e darão os frutos esperados.

Pois bem. No salão de expediente do banco que lhe era familiar, esse homem evangelizado lançou olhar de reconhecimento e dirigiu-se a carteira competente. Não conhecia o fur donário que o atendeu, mas este o identificou após verificar a correspondência apresentada (o número da conta do cliente-funcionário é o mesmo de sua matrícula profissional, seja ele da ativa ou aposentado).

Onde você trabalha?

Sou aposentado.

E qual era sua agência, quando se aposentou?

Os meus quinze últimos anos de serviços prestados à Casa foi no Departamento de Engenharia.



O colega do cliente especial, após se apresentar (com o nome de guerra "Costa"), muito à vontade e por absoluta espontaneidade, embora com visível estado de espírito aflitivo, confessou sua intimidade angustiada, em evidente necessidade de desabafo.

Fora demitido e havia sido reintegrado ao Banco, por acordo judicial que condicionava o retorno a pedido de aposentadoria quando completasse ele a idade de 50 anos, o que ocorreria dentro de dois meses. Estava muito preocupado com a situação vindoura porque não sabia em que iria se ocupar. Com exceção de atividades bancárias, nada sabia fazer, pois dedicara toda sua vida ao Banco.

Não conseguia se conformar com a atitude cruel e desumana do patrão impessoal, que se respaldava em medida pessoal e arbitrária de um administrador incompetente na área de recursos humanos. Sofrerá choque emocional violentíssimo, com repercussão somática de sérios prejuízos à normalidade de sua vida orgânica. Perdera até a potência sexual. Desarmonizou sua vida conjugal, desmotivou-se para tudo, desapareceu a alegria de viver... Como irei me reorganizar? Tenho medo da ociosidade porque será um complicador. Que devo fazer, companheiro?... Não mais controlava a emoção. Choravam os olhos de Costa e suas mãos tremiam.

Augusto, o Mário, silente e envolvido, ouvia atento, penalizado e fraterno. Esperou a hora de intervir e o fez quando ela chegou suplicante.

Meu amigo, convença-se de que você é filho de Deus e dotado de potencialidade colossal. Não se subestime. São múltiplos e diversos os caminhos da vida. E o Pai Amoroso jamais nos abandona. Tendo fé na justiça divina e na sua própria força interior, com certeza você vencerá todas as percalços existenciais, não interessa de que natureza sejam.

Deu exemplos concretos de personalidades perseverantes e otimistas, que transpuseram pedras muito mais volumosas ao acreditarem em seus recursos virtuosos e agirem de modo favorável ao desenvolvimento deles. Não precisam ser muitos a cuidar, basta alguns, às vezes apenas um mais premente. Falou de si próprio, com conhecimento de causa. Que em nenhum momento sentiu saudades da vida bancária, porque, assim que dela se despediu, um interruptor foi acionado e acendeu uma luz maravilhosa indicando-lhe a opção da literatura. Você não pode imaginar o encanto de novas perspectivas, arrematou ele, com um foco de vibrações sinceras e caridosas irradiando na direção do atendido pela fraternidade. Costa sentiu as emanções, refletidas em sua fisionomia recomposta pela serenidade. Falou, então.

Interessante! Eu também gosto de literatura. Veja só. Tenho até alguns poemas de minha lavra. Qual o seu e-mail? Vou enviá-los para sua apreciação. OK?

Pois não, com muito prazer. Anote aí:

[salvacao@felicidade.com.br...](mailto:salvacao@felicidade.com.br)

## ANJO DA GUARDA

N

ão sei por que, mas amanheci naquele dia intranquilo. O sono noturno não

foi bom, acordei uma hora após o horário de costume (que é às 6h), sentia indisposição e dor de cabeça. Seria virose ou vivenciara, em desdobramento, situações desagradáveis sob influências espirituais nocivas? Não sei. O fato é que não me sentia bem ao iniciar um dia para o qual estava reservado intensa programação. Pensei no trabalho a executar, preocupei-me e a impaciência (adversária da virtude conquistadora, que não admite o prefixo negativo da inimiga) ativou-se no psiquismo invigilante. Nem sequer lembrei-me de conversar com Deus, como normalmente faço ao despertar.

O tempo urgia e eu precisava ser prático, eficiente, rápido. Sou metódico, mas trabalhava contra o tempo e, por isso, tinha de acelerar as ações. A primeira providência consistia em reservar passagem para Natal RN, em viagem a serviço espírita com minha esposa. Escolhi, para melhor aproveitamento do inexorável, uma Agência de turismo vizinha a um quiosque de atendimento bancário (não podia dispensar o controle de saldo da minha conta corrente).

Por volta das 09:30 h, lá estava eu. De imediato, identifiquei um ambiente tranquilo, de preparação ao auto-atendimento, com manutenção e checagem das máquinas. Na entrada, mantendo a porta aberta, um senhor esguio, estatura acima da média, calvo, demonstrava serenidade e segurança de supervisor do Banco. No interior, dois rapazes, com idades aparentes de 23 anos, se movimentavam, dando a entender que cuidavam das máquinas para oferecer bom atendimento ao cliente, com postura de funcionários eficientes e indumentárias adequadas ao bancário de bom trato. Ambiência perfeita do Banco, bastante familiar aos meus sentidos (sou funcionário aposentado do conceituado estabelecimento de crédito). Senti-me muito à vontade, com o cumprimento cortês dos supostos funcionários, colegas do passado. Dirigi-me a uma das máquinas e tentei puxar o extrato, operação, para mim, de rotina e de extrema simplicidade. Três tentativas foram feitas sem sucesso. Um dos rapazes se aproximou.

Por obséquio, esta máquina está com defeito. Estamos providenciando fita. Queira se dirigir àquela.

E me acompanhou para nova tentativa. O cartão magnético foi acionado. O visor não

indicou a coleta dos dados. O jovem, com desembaraço e urbanidade, ajudou na operação de leitura do cartão. O extrato foi tirado e o cartão devolvido. Agradei ao distinto "funcionário" e parti, satisfeito, mas preocupado com o cumprimento das demais tarefas. Antes de adentrar a agência de turismo, um pensamento de desconfiança me ocorre, olho para trás e observo o trio atravessando a avenida, com pressa. Outro pensamento me diz: não é nada, eles são pessoas confiáveis. Decido entrar e sou atendido com cortesia por simpática recepcionista. Dei por encerrado, morto e sepultado no cemitério da consciência, o primeiro dever. E os passos laboriosos do dia prosseguiram, ritmados, firmes e tranqüilos, em vereda de luz, aberta pelo meu anjo da guarda, meu Espírito protetor. No final, realização total, em perfeita ordem e no tempo previsto. Foi assim, a avaliação operosa do dia. Porém, só naquele dia, porque 48 horas depois, era-me devolvido, no balcão, pelo vendedor de uma loja, o cartão que lhe havia apresentado para pagamento de compras.

Senhor, o seu cartão está com problema.

Como assim?

Foi cancelado.

Com o dito em mãos, tomei conhecimento do golpe de que fora vítima: o instrumento eletrônico não me pertencia, havia sido trocado pelo meu na desastrosa operação bancária de auto-atendimento. Em seguida, a constatação pior: nada na conta, tudo em mãos sujas, habilidosas e desconhecidas.

E o anjo da guarda, meu espírito protetor, onde se encontrava? Ao meu lado, e me alertou do estranho comportamento dos larápios. Ainda olhei para trás, mas não dei ouvidos.

Bem feito.

A lição ficou: segue as ordens do teu coração, sempre!